

01

ОПЛОТАВЛЯЮЩОЕ ДЪ ЯКЛОТ

JORNAL

DO

CONSERVATORIO.

N.º 2)

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS.

(DEZEMBRO 15, 1839.)

JORNAL DO CONSERVATORIO.

Si é incontestavel, que, de um primeiro impulso dado com enérgica força, depende quasi sempre a serie progressiva de salutaes effeitos que tanto avultam nas grandes machinas phisicas e moraes, sem hesitação pôde affirmar-se, que sera esse primeiro impulso frustrado, si a elle só commettermos as nossas esperanças, deixando-o a si mesmo, e não o coadjuvando a todo o instante. Como a continuidade de movimento senão dá na materia sem acções constantes que a solicitem, assim as sociedades, as instituições dos homens pouco poderão medrar, e debeis resultados offereceirão, si não houveram homens-potencias, que, tomando como officio a philanthropia, todos se dêem a prosperar-as, empregando trabalhos e fadigas, e perseverança, e até ás vezes obstinação, para levarem a cabo, o que uma vez se começou de sob faustos auspicios.

O movimento dramatico destes ultimos vinte mezes é realmente espantoso, e excede a anhelante expectação dos que mais se interessam polas patrias letras. Mais dramas originaes viu nascer Portugal nesses poucos mezes, do que talvez nos dous seculos todos inteiros que nos precedêram, e que faziam o seu fornecimento theatral exclusivamente nos repertorios estrangeiros. A Hispanha, depois della a França, alguma vez a Italia, nunca directamente a Alemanha, e raras vezes a Inglaterra, davam as suas melhores produções aos nossos intitulados compositores, que as arranjavam, como elles disiam — *ao gosto do theatro portuguez*, isto é, introduzindo-lhe um certo numero de arrieiradas para fazer rir o populacho; muitas e absurdas mutações de scena; si eram tragedias, enchertando-lhe algumas scenas de graciosos (que lhe ficavam a matar,) e finalmente nestes ultimos tempos quando tudo vinha de França, deslavando o espirituoso *Vaudeville*, a engenhosa comedia franceza, ou o nobre e regulado verso da Tragedia em prosa de Gázeta, torpe de erros, de linguagem, e de tal modo intelligivel, que o póbre do publico abria a boca e perguntava muitas vezes o que era

aquillo, e quando se loçia de rir ou chorar a gente, porque em ver-o: mas perceberia a traducção quem não cohesse o original.

Tal era o estado do theatro portuguez, quando começaram a manifestar-se alguns vislumbres de melhoramentos, que ora se ostentam já grandes luzeiros de regeneração. — Crearam-se sociedades dramaticas, instituiram-se eschol-as, propozeram-se premios, animaram-se artistas e emprezas; e desde então começou o espirito do drama a desenvolver-se, e progredindo foi com tal valentia, que já não sobeja um theatro para conter todas as produções em diversos generos, e todos originaes portuguezes, que de um tal influxo tem emanado. Lance-se uma simples vista sobre o que passamos a expôr; e os factos per si mesmos falarão.

Têm concorrido este anno ao Conservatorio as seguintes produções dramaticas; — O EMPARELHADO, drama historico em 3 actos, admittido ás provas publicas em conferencia de 31 de Março de 1839, e representado pela primeira vez no Theatro Normal em 15 de Junho. — OS DOUS RENEGADOS, drama extra-historico em 5 actos, admittido ás provas publicas em conferencia de 5 de Maio, sendo a sua primeira representação em 7 de Julho. — DOM PEDRO DUQUE DE COIMBRA drama historico em 4 actos retirado per seu auctor antes da decisão do Conservatorio — DOM SISNANDO CONDE DE COIMBRA, drama em 3 actos e em verso, pelo Sr. José Freire de Serpa Pinentel, admittido ás provas publicas em conferencias de 6 d'Outubro, e representado hontem pela primeira vez no Theatro Normal. — O RENEGADO drama extra-historico em 5 actos, e em prosa que não foi admittido. — O DOUBO POR FORÇA, comedia em um acto, que foi reprovada em conferencia do 1.º do corrente. — A ACRIZ, drama em 5 actos e em prosa, que foi devolvida a seu actor para emendar. — O CAMOES DO ROCIO, comedia em 3 actos e em prosa, admittida ás provas publicas em conferencia do 1.º de Dezembro.

Esta ultima peça, como o seu titulo indica, trata de pintar os costumes do reinado d'El-Rei D. João V; a ACRIZ é um quadro da vida actual: — todas as outras referem-se a epochas mais antigas.

Campre observar, que as peças admittidas

ás provas publicas, segundo a lei do Conservatorio não ficam definitivamente premiadas: no fim do anno tem de proceder-se a novo juizo, em que hão de ser reconsideradas á vista do effeito que produziram na scena, e da opinião do publico, deferindo-se então o premio ás que reunirem mais suffragios. Neste juizo final devem ser tambem consideradas, segundo a mesma lei, quaesquer outras peças originaes que tenham apparecido nos nossos theatros, ainda que não tenham sido apresentadas ao Conservatorio.

Os dramas originaes ^{se} que se acham neste ultimo caso são os seguintes — O MARQUEZ DE POMBAL OU O TERREMOTO DE LISBOA, drama em 5 actos e em prosa; pelo Sr. Bayardo; e representado na Rua dos Condes. — LOPO DE FIGUEFREDO, drama em 3 actos e em prosa, pelo Sr. Ignacio Pizarro. — DIOGO TINOCO, drama historico em 3 actos e em prosa, pelo mesmo auctor. — A MORTE DO CONDE ANDEIRO, drama em 5 actos imitado da antiga tragedia portugueza — *D. João Primeiro*. — Todos tres representados no Salitre.

Ja anteriormente tinham apparecido no Theatro Normal — UM AUTO DE GIL VICENTE, drama em 3 actos e em prosa, pelo Sr. Garrett. — E no Salitre haviam sido representados os seguintes dramas — OS TREZ ULTIMOS DIAS DE UM SENTENCIADO, em 3 actos e em prosa. — PHILIPPE MAUVERT, em 5 actos e em prosa. — GIRALDO SEM FAVOR, em 4 actos e em prosa. — Todos tres pelo Sr. Perini, e arrançados em portuguez pelo Sr. Antonio Feliciano de Castilho. — O FRONTEIRO D'AFRICA, drama em 3 actos e em prosa pelo Sr. Alexandre Herculano.

O theatro do Porto não recebe peças premiadas, porque o seu empresario se obrigou por escriptura a fornecer cada anno quatro peças originaes, sobre cujo premio tem de entender-se directamente com os auctores. As peças todavia são previamente approvadas per uma delegação do Conservatorio que n'aquella Cidade existe, junto á da Inspecção Geral dos Theatros. Ategora tem-se dado apenas no theatro do Porto um desses dramas — O CONDE ANDEIRO, em 5 actos e em prosa, pelo Sr. Perini, approvado em conferencia de 7 d'Agosto, e representado pouco depois.

Não sabemos si o Conservatorio chamará á collação para os seus juizos do fim do anno todos estes dramas: alguns são anteriores ao tempo marcado nos Editaes, não é por tanto provavel que os considere como premiandos.

Eis-ahi pois o que um só anno tem produzido; eis-ahi resultados que revelam gigantescos meios; eis-ahi finalmente, como uma planta debil e recente, se obteve os cuidados de esmerados cultores, em pouco tempo se alardea carregada de requissimos fructos.

Tendo tencionado dedicar um artigo especial á analyse da Comedia de Mr. Alexandre Dumas intitulada *M.me de Belle-Isle*, lemos por accaso o que abaixo trancrevemos escripto pela apurada penna de Mr. J. Janin, e julgamos, que seria de presunçosos não o aproveitar, substituindo-lhe o nosso; e tanto mais quanto é grande a aceitação que tem merecido em França os escriptos d'aquelle auctor. Estamos contudo bem longe de conformar-nos em tudo com as idéas do illustre *Folhetinista*; e no paragrapho ultimo do seguinte artigo diremos em que delle dissentimos.

MADEMOISELLE DE BELLE-ISLE

Comedia em 5 actos e em prosa por *Alexandre Dumas*.

Sim, ahí tendes vós uma Comedia; e uma Comedia bem francamente atacada, e melhor defendida, mui bem enredada, e de um euredo todavia todo facil e cheio de clareza. — Abunda esta Comedia de arte e ingenho, muito esto, regular estylo, intencões finissimas, grandes ousadias — mas que passaram; cousas mui aventuradas — mas que foram accitas: palavras, que á distancia de uma legoa, ja ressoendem á Regencia; costumes todos á Luiz XV; em uma palavra, grande movimento, uma encantadora vivacidade, e um nunca-acabar de saborosos ditos, que muitas vezes chegam a passar furtivamente o limiar da alcóva. — Assim rimos nós ás gargalhadas; divertimo-nos alem de todos os limites; applaudimos até as mãos nos escaldarem. Sim, uma linda e viva Comedia, meia nua, deixando ver tudo quanto póde ver-se, o seio, o braço, perna, o collo, e ainda mais alguma cousa. — Que ventura teve Alexandre Dumas, achando no fundo do seu alforge tão grande copia de éstro, hardidez, e arrojado espirito!

Ora *M.me de Prie*, essa mulher ambiciosa e sem coração, que per instantes dominou a França com o Cardeal de Fleury sob a protecção do duque de Bourbon; *M.me de Prie* habita o castello de Chantilly, e ao começar da peça está entretida em queimar as suas cartas amorosas — precaução que ordinariamente se toma no principio de uma paixão. — Ainda bem uns novos amores não começam a involver o coração de uma mulher; adeus todos os amores antigos. Cumpre que tudo seja destruido e reduzido a cinzas, cartas, madeixas, retratos — penhores eternos de uma paixão ephmera. E nem uma dessas cartas, nem um só desses retratos outrora tão amados, podem obter ultimo volver d'olhos. — A dama lança ao fogo todas essas paixões da vespera — *Sauve qui peut*.

O caso é haver M.me de Prie distinguido um bello e nobre mancebo, que ella ha feito official, e como quer amal-o com todas as commodidades, váe-se prevenindo com as maiores cautellas. — E eis-aqui, meus amigos, em que se tornam os mais sinceros amores!

Queimando e queimando M.me de Prie conta a sua aia, que o duque de Richelieu ainda hontem possuia o seu coração, e que elle ainda muito a adora. E a prova é que o duque ainda lhe não recambiou a metade de um sequim de ouro, que entre ambos haviam dividido, com a condição, que o primeiro que cessasse de amar, enviaria logo a sua metade da moeda, sem que fosse licito ao outro fazer a mais pequena queixa. — Excellente invenção, e commoda sobre tudo; abrevia delongas, e poupa as lagrimas e o ranger de dentes. Tem apenas M.me de Prie acabado de contar e queimar, eis que entra o duque de Richelieu, como quem entra per sua Casa.

A conversação entre os dous amantes é das mais naturaes, e o dialogo todo esmaltado desses ditos agudos que foram effectivamente pronunciados nas salas do Paris espirituoso, sceptico, e licencioso; mas estão esses ditos tanto no seu logar, e com tal naturalidade engastados neste scintilante dialogo, que é impossivel distinguir ahi plagiato; o auctor não faz mais do que entrar de posse dos seus bens, onde quer que os achou, e quem se atreverá a negar-lhe o direito?

Richelieu tirando uma carteira a apresenta a M.me de Prie, dizendo-lhe: — "Pensei em vós; aceitae esta carteira, que tem estampado o vosso brazão" — E ella: — "Aceitae meu caro duque esta bolsa em que per minha mão está bordada a vossa firma" — Então despedem-se; e apenas só, M.me de Prie abre a carteira; e que acharia ella? — A metade do sequim. — No mesmo instante entra Richelieu que tambem achou no fundo da bolsa a outra metade! E eis-os a rir, e a rir. — Ora isto é que se chama inventar.

Então se anima de ponto a conversação entre os dous, e graças a uma tão pathetica sympathia, Richelieu e M.me de Prie entendem-se melhor do que nunca. — "E quem é que amais, Marqueza?" — "Amo o cavalleiro d'Aubigny; e vós meu caro duque?" — "Eu! estou perdido d'amores por M.me de Belle-Isle" — Entra M.me de Belle-Isle.

Então se vos apresenta uma donzella cujas graças e serenidade lhe compõem sem par formosura. Simples e graciosa, enternece o vèl-a. — Vem supplicar M.me de Prie, que faça pôr em liberdade seu pae e irmãos que estão na bastilha. Oh! como ella narra sua triste historia; os desastres de toda a sua familia, a solidade em que vive, e o captiveiro de um pae! — Richelieu parece devoral-a com os olhos; e

M.me de Prie, egoista como é, sente mover-se de piedade pela mesquinha, que ahi jaz ao desamparo nessa corrompida habitação que se não lembra de Bossuet, nem do grão Coude.

Aqui o interesse ja vivamente excitado por todas essas ingenhosas circumstancias váe ajuda augmentar-se. Toda essa Corte de Chantilly se apinha na ante-camara de M.me de Prie. Richelieu recentemente chegado de Alemanha é naturalmente o objecto dessa conversa de sainete: então, rodeando-o, á porfia lhe contam as grandes revoluções occorridas na sua ausencia: como o Cardeal de Fleury reformou os costumes; como é a missa anteposta ao baile; como as mulheres que ate-hi tinham dous amantes e um confessor, ja se contentam com dous confessores e um amante! — O duque permanece absorto, mas a final cansadado de tantas historias, que, como elle diz, são proprias para fazer dormir em pé, exclama: — "Tal como me vedes, aposto mil luizes que obterei ser introduzido esta noite no quarto da primeira mulher que se nos apresentar" — "Valeu, respondem os amigos do duque; mil luizes."

Entra a Marqueza de Prie; mas Richelieu jogador bizarro se inclina para os parceiros dizendo-lhes: — "Esta não vále; seria roubar-vos o vosso dinheiro." No momento seguinte entra M.me de Belle-Isle.

Então um mancebo de que mal se deca fé na salla, e que ouvira a terrivel aposta, dirige-se ao duque. — "Sou eu, senhor duque, a quem compete aceitar a vossa aposta, eu que dentro em trez dias hei-de ser espozado da mulher que hoje pertendeis deshonrar."

O duque aceita a proposta do mancebo, o qual vê pela primeira vez. Confesso que não foi pequeno o meu receio nesta occasião: tremi pensando que andaria ahi algum bastardo contrafeito como o de Antony; desses rapazes *sem leira nem geira*, cuja melancholia é insupportavel; insipidos que não sabem pensar, nem amar, nem soffrer, e que, todos a babar-se em seus embevecimentos, a quanto ebegam poluem, sem mesmo lhe escaparem as verdes paixões da bella idade: todavia desta vez escapei. O Cavalleiro d'Aubigny amante de M.me de Belle-Isle, com quanto mais sentimental que os outros, não deixa de ser da mesma tempera. Nada austero em sua virtude; nada *chorão* em seu amor: é um verdadeiro soldado, que se ostentará dos mais valentes em Fontenoy. Si algumas vezes se tem mostrado mais triste do que convinha, não é por culpa do auctor, mas de Lockroy que no desempenho desse papel se poz a entristecer-se per sua conta, porém attenta a esperteza desse artista, é bem de prezumiir, que depressa comprehenda elle que não compre representar ahi de bello tenebrozo; que na minoridade de Luiz XV não estava em moda a *voz cavernosa*; que nesse tempo os pensativos *By*

ronestas provocariam o riso de toda a cõrte; e finalmente que, para dar boa conta de semelhante papel, é necessario ser homem dessa epocha, isto é, ter viveza, ousadia, volatillidade, e — por ultimo — não duvidar de cousa alguma.

Raras vezes se tem visto um 3.º acto de tanta belleza; rapido claro, e bem constituido. Cada um no seu elemento; o espirito circulando per todo o dialogo como o sangue pelas veias; — Cada personagem disse ja o que devia dizer, e mostrou o que ha-de ser no resto da pessa, Richelieu leviano e louco, a marquezza egoista e vaidosa; M.^{lle} de Belle-Isle innocente e casta, d'Aubigny amante e apaixonado; posto que alguma cousa triste. Poderiam objectar que o joven capitão é uma bem fraca figura para ousar oppor-se cara a cara a Sua Excellencia o duque de Richelieu; mas o auctor teve a prevençãõ de advertir-nos, que o cavalleiro d'Aubigny pertence a uma das mais nobres familias da Bretanha.

Das difficuldades do 2.º acto ides vós julgar; e são ellas de tal monta, que embaraçado me verei para as deslindar, eu que assentado a vosso lado, me entretenho a entreter-vos sósinha; ora vêde minha bella dama, quanto me será preciso para contar todas essas cousas a duas mil pessoas reunidas, e das quaes uma metade se julga obrigada a córar, a não comprehender, e a apertar os beiços para não rir! — A noite da aposta se approxima; nessa aposta Richelieu empenhada sua honra; mas como penetrar no quarto de M.^{lle} de Belle-Isle, simples, honesta e desmaliciada? Empenho tanto mais difficil, quanto M.^{me} de Prie o não quer coadjuvar; pelo contrario a dama ainda se lembra da carteira, e apezar do programma, quer vingar-se. Effectivamente M.^{lle} de Belle-Isle é hospedada no proprio quarto da marquezza, e esta lhe traz logo á noite uma carta para o governador da Bastilha. — Dentro de duas horas e meia M.^{lle} de Belle-Isle abraçará seu pãe, e seus irmãos, e estará de volta pelas seis da manhan; ninguem no castello saberá da sua partida, e em quanto o duque de Bourbon for Primeiro Ministro será guardado um segredo inviolavel. — Ficando só, M.^{me} de Prie, que sabe de cór o seu Richelieu, trata de fechar á chave todas as portas, excepto a occulta, da qual Richelieu jurára ter olvidado a chave em Paris *com a pressa de seguir M.^{lle} de Belle-Isle* — expressãõ digna do Cavalleiro de Grammont.

Per sua parte Richelieu está d'alcatêa: todas as difficuldades da empreza lhe são logo patentes; portas e janellas fechadas, creados vigiando da parte de fóra, nada o descórçoa. — A chave da porta occulta é mandada buscar a Paris; chega, e eis o duque aonde se dezejana. — Homem precayido, Richelieu, ja leva

escripto o seguinte bilhête, que lança pela janella — « E' meia noite, estou no quarto de M.^{lle} de Belle-Isle; amanha vos direi a que hora sahi. » — O papel é apanhado por d'Aubigny. O duque tem ganhado a aposta, e de sobejo ganhada, poisque a marquezza, não contando que a porta se abrisse, apagara as luzes. — Cahe o panno... advinhãe o resto si podeis.

Parece-me estar ouvindo gritos d'aqui-d'El-Rei contra a immoralidade!... Ora, senhor pé-de-boi, basta de exclamações, olhe que perde o tempo e o feitio; todo este enredo foi optimamente aceito per muitas pessoas capazes que o presenciaram, e que se não trocam por Vocemecê. — Mulheres honestissimas o applaudiram sem lhe deitar malicia. Tudo se pôde dizer entre pessoas de boa e fina sociedade. Aventãe com a ousadia e sem rodeios o vosso dito; não hesiteis e exprimi-vos com toda a naturalidade, que ninguem si quer pensará em chamar-vos insolente; — mas si entraes com hesitações, e a córar, e a fazer motêtes para dizer a cousa mais simples, os *Vaudevillistas* vos irão logo taxar de obsceno! — O nosso poeta combinou maravilhosamente isso tudo; foi atrevido como um pagem de M.^{me} de Parabère; e á força de graça, bom humor, ousadia, e espirito, fez que tudo passasse.

Chega o 3.º acto. M.^{lle} de Belle-Isle recolheu da Bastilha, feliz como uma filha que vêm de abraçar seu pãe, que não via á oito annos. — M.^{me} de Prie acha-se mais bem vingada do que esperava. — Richelieu, insolente como é, sente-se algum tanto admirado da sua propria felicidade. — Só d'Aubigny está triste. A' sua vista se introduziu o seductor no quarto da sua noiva; ouviu-lhe a voz da janella; o fatal bilhête está nas suas mãos: como duvidar do seu mal? Como não crêr na perfidia de M.^{lle} de Belle-Isle. E ella serena e alegre corre ao encontro do cavalleiro: como o achará carrancudo!

Cumprê ouvir M.^{lle} de Belle-Isle, como se defende quanto pôde das horriveis accusações do cavalleiro, ja ella quer ter uma explicação com Richelieu; manda-o chamar a toda a pressa, e faz esconder o amante de maneira que tudo possa ouvir. — Richelieu chega, mais insolente, mais presunçoso que nunca: — e fala á pobre donzella como um amante feliz; tão convencido está da sua victoria! E foi ella tão facil, e tão completa!

Esta scena é dramatica e natural. E' facil de comprehender a desolação de M.^{lle} de Belle-Isle, vendo-se assim tratada, e com um embaraço tão inexplicavel e tão natural. O que mais custa a entender, é como a misera donzella, perdida e *deshonrada* aos olhos do seu amante, lhe não declare immediatamente aonde passou essa noite fatal. E' verdade que fez

um juramento de o não revelar durante o Ministerio do duque de Bourbon; mas em presença de tal desastre, como guardar um segredo? E tendo d'Aubigny assaz de probidade para não abuzar de uma confidencia! — Mas para que buscar objecções em uma Comedia que tambem se leva e nunca pára: que ri per entre lagrimas, e cujo surrizo, e cujo pranto, é, quanto póde ser donoso!

É notác bem que acção dramatica váe correndo ao mesmo tempo que os prazeres e negocios dessa corte, tão occupada de negocios e prazeres. — Tal era a vida dessa epocha, sobejando para as mais difíceis empezas do espirito e do coração. Sustentando com egual prosperidade a espada, e a penna, e o sceptro, e a taça, e o leque das damas. — Ha pois um baile em casa de M.^{me} Prie. Os mais elegantes fidalgos reunidos nessas ricas salas que já não existem entregam-se com fervor ao jogo. Richelieu, tendo passado o dia na caça, chega um pouco mais tarde, e ahí encontra d'Aubigny que não cessou de procural-o todo o dia. O Cavalleiro provoca Richelieu; este accéita o desafio; mas um maldito capitão proposto pelos *Juizes do Ponto d'Honra* para impedir os duellos, e avisado per M.^{me} de Prie, vêm suspendêl-os; e faz dar palavra d'honra aos dous Campiões, que não combaterão, sem que primeiro tenham comparecido perante os Marechaes de França expondo os motivos da sua desavença. — Como fará pois o pobre Cavalleiro para vingar-se?

— « Senhor duque, preciso de uma prompta satisfação; não nos é licito combater, não podemos ir deslustrar M.^{lle} de Belle-Isle na presença dos Marechaes de França; pois bem, joguemos os dados, e aquelle que perder dous lances matar-se-ha amanha pelas nove horas. — O meio é engenho! responde Richelieu.

E depois diz: — Aceito! — Já vêdes que o Duque se não desmente um só instante: — e porque razão não accitaria? elle que era o homem mais feliz de todo esse felicissimo seculo XVIII. Nascido ainda a tempo de ver no seu occaso os ultimos raios desse sol chamado XIV, coube-lhe uma parte (e talvez a maior, contando mesmo com Luiz XV), das flores, do espirito, da gloria, e amores do reinado seguinte; e finalmente depois de ter assistido a essa lucta de tanto genio e tão differentes forças que produziram 89, morreu assaz a tempo para não ver a revolução franceza. — Certo que um tal homem, ainda sem ter demasiado valor podia jogar sua vida aos dados; bem seguro estava de ganhar.

Effectivamente é Richelieu quem ganha; e em quanto joga não perde occasião de gracejar. — « Quem quer ir interessado comigo? diz elle aos cortezaos que o rodeiam. — D'Aubigny, tendo perdido, levanta-se e sabe, dizendo ao

duque: — Amanhan ás nove horas sereis pago, senhor duque.

No mesmo instante chega a noticia de estar prezo na Bastilha o duque de Bourbon, e nomeado Primeiro Ministro o Cardeal de Fleury, e M.^{me} de Prie mandada desterrar. A confusão é universal, e a marquezia fóra de si quer escrever á Rainha, a qual lhe deve o throno. Escreve: e então reconhece Richelieu a letra que elle julgára ser de M.^{lle} de Belle-Isle, e comprehende confusamente o seu fatal engano. — « Como é isto? pergunta o duque? — E M.^{me} de Prie continuando a escrever lhe responde — « Não advinhaes?... »

Richelieu sente revolver-se-lhe a alma; — enganou-se! deshonrou uma honesta donzella! Deitou a perder um mancebo; e tão joven, tão bem appessoado, tão valente, tão honrado e tão amoroso; e que amanha pelas nove horas já não existirá. E' preciso partir, salvar d'Aubigny. Cumpre implorar o seu perdão de M.^{lle} de Belle-Isle. . . Frustrada esperanza! Um capitão das guardas vêm pedir a Richelieu a sua espada. — Tudo está perdido!

Ora vamos, desassombrae-vos: e não receeis, que ninguem ha-de morrer. — E' verdade que o amante de M.^{lle} de Belle-Isle quer ainda vê-la antes de expirar. Chega a Chaulilly, encontra aquella que adora, e a vê mais bella mais sentimental que nunca a vira: e sem chorar lhe diz adeus, e adeus para sempre. Ella, a desgraçada, não cessa de repetir-lhe; — *Eu te amo*: porem elle quer partir. — Ao menos, diz Gabriella [tal é seu nome] esperae que volte M.^{me} de Prie, e eu vos direi então o segredo que me mata. — Mas, responde o mancebo, não ignoraes que ella foi desterrada, e que o duque de Bourbon está na Bastilha! — Então a donzella, ja desligada do seu juramento, arrebatada de alegria, exclama: — « Na Bastilha! O duque! E lá passei eu a noite, e lá vi meu pae: e não voltei senão ás seis horas da manhan; e o duque de Richelieu mentiu! — Pergunta-o a meu pae, a meus irmãos! » — Sim, menti, brada Richelieu que apressado chega, ou antes, fui burlado como um simplorio, e venho pedir-vos perdão de joelhos, a vós que sois um anjo! E perdoam-se, e abraçam-se, e o duque de Richelieu torna-se o melhor amigo do Cavalleiro, e M.^{lle} de Belle-Isle torna-se M.^{me} d'Aubigny.

Tal é artigo de Mr. J. Janin, a quem invejamos a graça, facilidade, e aprimorado desleixo, com que escreve: sentimos pois não concordar com as reflexões que elle acima faz acerca do desempenho de Lockroy. — O autor da Comedia tem cuidado de prevenir-nos de que o Cavalleiro d'Aubigny chegou á pouca da Provincia (e da Bretanha!) não é pois de esperar que nelle se dêem os mesmos habitos, estraga-

dos costumes, e modo de pensar, que affectaram os cortezaes de Luiz XV, antes é crível que os seus principios acerca da *virtude* e do *amor* sejam austeros; nem se deve esperar que elle se mostre leviano, e tanto do *bom tom*, que de nada duvide. — E seria crível que um platonico provincial se não mostrasse carrancudo, vendo, que na primeira visita a sua amada, esta trata de o despedir, sob futeis pretextos, chegando até a pedir-lhe encarecidamente que se retire, por que está cansada da jornada? — E seria verosímil que d'Aubigny encolhesse os hombros, e nada dicesse, e se não mostrasse sentido, e desesperado e furioso, com as provas ás mais claras da ingratição, da sordida perfidia da sua amante; d'aquella que adorava como um anjo d'innocencia, e um modello de virtude? — Parece-nos que Lockroy mereceria desculpa, ou por ventura louvoretos.

THEATRO DE S. CARLOS.

ROBERTO DO DIABO.

MUSICA DE MAYERBEER.

AQUELLE homem, que erguendo os olhos para um genio, que brilha no horizonte do mundo, se abalança com a fria bitola de um espirito terrêno a medir os raios incommensuraveis, que da alma lhe dispartiram, para abrilhantar, aquecer, e aditar o mundo; — esse homem, ai delle! porque a sua frieza o não livrará de ser engulido pelo Ethna abrazado. A não ter sobre elle descido o espirito de Raphael, ou Miguel Anjo, o de Dante, Lamartine, ou Byron; por ventura cabirá sobre elle a compaixão dos homens; como sobre o insensato, que fitando o sol, frenético se encolerisa, por não poder imitar em o papel aquelle inimitavel deslumbramento e ás sete bellissimas côres, que delle poude tirar com faceado vidro; ou encarando a tempestade lhe sejam negadas tintas para o terrível dos relampagos, e medonho negrume.

Quasi em o mesmo cazo nos achamos nós, tendo de falar do grande Mayerbeer impozemo-nos porem a ponderosa missão de escriptor publico, desempenhal-a-hemos pois, ainda que nos custe; mas pedindo antes venia ao musico divino, entrarêmos com a maior circumspecção, e receio em seus phantasticos, e fadados dominios.

Quando nas artes alguma grande innovação se alevanta, indo de encontro ás idéas correntes, e alligando ameaçal-as, ergue-se todo o mundo com espanto, com indignação contra o homem temerario, que ousou avental-la, ostentando-se inimigo desses principios, que unicos há proclamado verdadeiros. Mas si o genio foi partilha desse homem, a prevenção do publico cêlo ou tarde se esvaicera, como o fumo; e suas creações, não comprehendidas ao

principio, arrastarão finalmente, adesperto de um cunho estravagante e phantastico, a geral admiração e universaes loavores. — Por similiaes provas hão passado systemas de Beethoven, e Weber, Rossini as experimentou; e triumpharam todos. Que opera na apparição teve de soffrer mais ataques, mais desdens, mais chólera, que ROBERTO DO DIABO? Mas, como tudo quanto por bello e sublime se extrêma, a grande obra venceu, acareando a seu auctor fenôme immorredoiro!

Não entrarêmos em discussão sobre a preeminencia dos diversos systemas musicâes; pois que isto nos levaria mais longe, do que a extensão de um só artigo comporta; todavia a nossa franqueza não nos consente esconder que na musica, bem como na poesia, tendo em muito esses melodiosos trêchos, que no ferracissimo Rossini deliciosamente nos extaziam, ainda de maior predilecção nos é a eschólla alemã. — Abri a Creação de Haydn, as operas de Mozart, as symphonias de Beethoven, vereis a sublime inspiração do genio luctando e vencendo antigos abusos, e doces prestigios, por sua mesma ancianidade, formidaveis: — velâ-heis lançando os primeiros fundamentos, cinzelando erguidas columnas; e, pelo grande Mayerbeer ajudada, ostentando grandiosa fabrica, onde a musica livre mas respeitada podesse dignamente ostentar seus fóros, e direitos á fraternização com as outras artes, a quem não cede primazia. — Ja de á muito se haviam ellas emancipado; e não só tomando a natureza por espelho, mas combinando a verdade da imitação com a experiencia do que deveria agradar. Mayerbeer fazia em a musica uma revolução similhante lembrando-se, talvez de que diz Grimmo: Que a verdade se deve idealizar, concorrendo para este fim imaginação, e espirito; poisque o sublime é a transfiguração do bello. — Mayerbeer dramatizou a musica; a melodia e harmonia se abraçaram; e applicando novos musicâes acordes a quanto hi ha de mais assombroso, apaixonado, sentimental, religioso, e terrível, formulou essa obra phantastica e sublime, que traduz em vibrantes, e sonoras letras as hardidas de Dante, Lamartine, e Byron. — Essa obra foi ROBERTO DO DIABO!.....

Não entrarêmos em a analyse de todas as bellezas, que encerra este prodigio musical; repulsando tambem com horror qualquer pensamento de critica, que uma obra humana pode sempre acarear, ainda que diminutissima fosse; pois que foi aos homens negada a perfectibilidade. — Foi a opera de Mayerbeer representada pela vez primeira em S. Carlos a 2 de Setembro do anno passado; e ainda que pelas enchentes consecutivas, que se viram n'aquelle Theatro, se possa geralmente dizer, que o ROBERTO DO DIABO teve grande acolhimento entre

os Portuguezes; si attendermos ao muito grandiozo, insolito, opulento, e extraordinario dos accessorios de semelhante espectáculo; porventura que se nós insinuarão duvidas, si para elles ou para a musica sublime tão afanósos se reuniram. — Eu direi o meu pensamento, embóra me péze, e a alguém por temerário; eu o direi com franqueza: — O *Roberto do Diabo* não foi applaudido condignamente! — E é com tudo em o nosso Portugal mais do que um prazer, quasi uma necessidade a musica; e ha em a nossa patria mais do que verdadeiros *dillettanti*, ha musicos e entendedores de subido merito; todavia, é mister confessal-o, uns e outros, mas especialmente os ultimos, são em bom pequeno numero e os italianos têm possuido o monopolio quasi exclusivo d'esta preciosa arte. Seria longo, e não deste artigo, averiguar e marcar as causas desta nossa inconsequente penuria; por hoje basta, que a ratifiquemos para o nosso proposito. — o *ROBERTO DO DIABO* — Quantas vezes no meio dos táptos divinos do grande mestre, das harmonias extraordinarias, dos incognitos primôres de instrumentação se notaram em S. Carlos sussurantes convérsas, distracções enfadônhas, e tibios applausos? Quantas vezes os não vêjo eu negar totalmente ao solême pathetico, e sublime, de que abunda o 3.º e 5.º actos da opera, quando em outras noites se tinham prodigalizado estrepitosos a pretenciosas *fiorituras*, e deslocadas volatas, e *tours de force*? — Foi em partes não bem executada a musica? — ella assim mesmo de sobejo se revela, e então porque negar-lhe com ignorante frieza, ou desconsolado egoismo tão merecidos applausos?

Tem ido esta repetição do *ROBERTO DO DIABO* muito correntemente, e si excepuarmos os córos, que por vezes deixam, por indesculpavel caleçaria, de fazer o seu devêr, talvez se possa sem receio aventar, que em poucos theatros ha visto Mayerbeer a sua obra tão dignamente traduzida; e a sua perola tão ricamente engastada, pois que trajos, e decorações difficilmente poderão ser excedidas.

O Sr. Mariani (*Bertrando*) desempenha bem o seu tão custoso papel, e se apresenta muito bem caracterizado. — a musica de Mayerbeer está boa para a sua voz cheia, e bastante extensa; mas cuja flexibilidade é mui diminuta, e a mobilidade tem muito pouca firmeza. O Sr. Mariani alem de outras boas qualidades, tem a de ser muito tragico, desempenhando com muita intelligencia não só em quanto á musica, mas ao canto, todo o sublime 5.º acto da opera em questão. — Em o 3.º acto tambem o mesmo actor se faz digno de elogio, porem não o queriamos sempre tão carregado, e tragico, mas por vezes disfarçado e risôhno, como no interrogatorio de Alice = *Dimme, Alice, che cos'hai?* e mais ironico em o = *Tu Phai voluto.*

Este ultimo predicado lhe queriamos tambem mais frizante em o 1.º acto, assim como maior surrizo diabolico: — a melancholia, e um raiço de amor, que qual relampago em tempestade, se lhe deve bruxulear no rosto, releva que especialmente predominem do meio do 3.º acto por diante.

O Sr. Conti tem uma linda voz do peito, muito sympathica, muito cheia de frescura, e o seu methodo é muito puro; todavia parece-nos que o Sr. Conti não é para estas peças de Mayerbeer, em que para a musica produzir o effeito, que o grande maestro se propoz, é necessario uma força, e potencia de voz, e uma facilidade em atacar as notas agudas, que porôra este artista não possui; porem devemos confessar em abono do Sr. Conti, que elle assim mesmo se faz muito digno de louvor particularmente em o formosissimo dueto do 5.º acto, e sublime terceto final.

A Sr.ª S. Ferlotti (*Alice*) desempenha, como tem de costume, com e appropriada musica, e bom canto; cahindo bem suas delicadas *fiorituras* no bellissimo romance do 3.º acto, que nos faz lembrar dessas manhãs de Abril, em que a uma horrorosa tempestade rebatida de trovões, e sulcada de relampagos, vêmos succeder os sonoros, e perfumados halitos do zephiro, e o lédo gorgear dos passarinhos, e o sussuro do arvoredo, a quem banha o ja crystallino arroio. — É pena que a voz da Sr.ª Ferlotti ha tempos a esta parte se tenha tanto escaceado.

A Sr.ª Barili (*Isabella*) é quem, em a nossa opinião, váe menos bem: — tanto o seu canto, como a sua mimica, que em a *GEMMA* se tinham feito notar tão vantajosamente se mostraram no *ROBERTO* com menos primôr do que esperavamos. — Muito nos custa ter de notar defeitos em uma actriz de tão boas prendas como a Sr.ª Barili, e oxalá que nós podéssemos sempre louvar, que o fariamos do melhor grado. — A Sr.ª Barili alem da sua pouca firmeza de intonação talvez tenha por costume introduzir *porituras*, e bordados em o canto: — quando não podesse evitar inteiramente a primeira coisa, julgamos que faria bem de moderar a segunda, com especialidade nas operas de Mayerbeer; pois que não é a musica deste auctor para se brincar com ella sem precação.

A Sr.ª Barili em a Cavatina do 2.º acto canta com pouca simplicidade o andante e na *canbaléta* muda e varia a seu bel prazer. — No 4.º acto lhe queriamos tambem mais timidez, e ingenua simplicidade no canto e mimica. — Não relevamos estes defeitos á Sr.ª Barili; por isso mesmo que seria muito para lastimar, que uma actriz tão destincta por dotes naturaes, e adquiridos, deixasse empanar tanto lustre: — em a voz da Sr.ª Barili se faz elle muito sensível pois que é muito extensa, chéa, melodio-

sa, e sympathica, sendo bellissima, e muito rara, na escalla dos graves.

CHRONICA THEATRAL,

DOMINGO 8 de Dezembro == Os Dous Renegados == Mr. Cagnard == O Ensaio d'uma Tragedia == Já em o nosso numero antecedente falámos destas duas peças, assim como da sua execução; restam-nos ainda algumas observações. — Não gostamos de ver o Sr. Matta nos Dous Renegados, de sorte que a deslocação do Senhor Victorino por mais de um motivo se ha feito sentir. O Sr. Matta na scena da maldição em o 3.º acto deve tomar uma attitude mais solême sem contudo sahir do natural; deve sim tropejar com a voz; mas não imitar o grito das aves procellarias. Reconhecemos merecimento no Sr. Matta; têmol-o visto com distincção desempenhando habilmente diversos papeis; e porisso mesmo muito sentiríamos que elle em algum desmerecesse: — persuada-se este actor, que ate lhe somos afeiçoados, e porisso nos custará ad-vertil-o todas as vezes, que tivermos de o fazer.

Com toda a generalidade applicarém os este ultimo periodo a Sr.ª Talassi, actriz tão digna de grandes encomios; e na verdade muito sentimos observar-lhe que nos Dous RENEGADOS, drama em que tanto se distingue, a vimos por vezes dialogando com outras personagens, e especialmente no 4.º acto, dirigir os olhos e accionado para os espectadores, quando deve abstrahir de tudo quanto não seja relativo a Izabel filha do Cavalleiro Pêro Gonsalves.

Dia 10. == A COMPADRICE == THEOPHILO == A Compadrice é uma bonita comedia de Scribe, cheia de allusões chistosas, e fina critica sem mordacidade. É uma *patóta* para a elleição de um deputado, mas por meios habéis e permittidos, ja se sabe. — A compadrice esta bem ensaiada, e vae muito regularmente: alguma vez nos lembrou um artista. . . — Seja-lhe a terra leve. Advertimos contudo que o engraçada talento do Sr. Sargêdas faz, quanto pôde. Os Srs. Epiphanio, e Van-Nez vão bem, assim como a Sr.ª Talassi, e Emilia: na Sr.ª Joana Carlota queríamos mais nobre desembaraço, o que decerto lhe não será difficil ostentar, como em outras peças; queríamos tambem que falasse mais pausadamente, applicando ás palavras mais sentido; e não como o discipulo, que dando a lição de cór, quer brilhar pela velocidade com que se exprime. — Fazemos estas advertencias á Sr.ª J. Carlota, por isso mesmo que ella vae mostrando disposição para a arte difficil, a que se dedicou; e ultimamente tem feito progressos.

Foi ainda outra vez á scena o THEOPHILO, o que não esperavamos depois das justas observações, que fizemos em o nosso numero antecedente. O THEOPHILO tem galantes situações, e bastante sal; porem não podêmos levar a bem, que se faça burla, e parodia de coisas tão respeitáveis por todos os motivos, como a Biblia. — Se acostumardes o espectador a rir por cousa semelhante, não vos admireis depois, se elle começando pelo gracêjo, acabar pelo desprezo de tudo quanto é digno do maior acatamento, e veneração.

Dia 12 == A COMPADRICE == O Ensaio de uma Tragedia == Já falámos destas duas peças, que foram regularmente esta noite, apesar de não ser grande a

concurrência em attenção ao máo tempo. — Houve-a muito grande hontem 14; não só pelo Espectaculo, que muito prometia aos espectadores; mas por ser o Beneficio do Sr. Lisboa, *gracioso* de tanto merito, e justa aceitação. — Consta o espectaculo do Drama Original Portuguez == D. SÍSANDO CONDE DE COIMBRA. — e da repetição da engraçada comedia — *O Cabrito Montez* — de uina e outra peça falarém os em o numero seguinte.

Theatro de S. Carlos. — Domingo 10 de Dezembro — NORMA — OS POTÚGUEZES EM TANGER. — Muito se tem dito desta Opera, e por extremo é conhecida em o mundo musical esta obra prima do immortal Belini. Este complexo de sensibilidade, paixão, e ternura, ondeado de solemnes, ou patheticas melodias, quanto é para captivar corações sensiveis! E não vos envergonheis, minha linda dama, de vos assomarem rubores, e palpar o coração; e humedecerem-se-vos os olhos. . . — Cáhem-vos tambem estes indícios! . . . — Mas se estades convencida disto que vos digo, quanto vos hade desconsolar a Norma, como ella agora se apresenta! — Como tudo quanto é da terra, tem a mesquinha tido seus máos passos; taes são os porque ella tem passado, depois que uma Adaljiça se partiu, e nos deixou cá tanta saudade! — Pobre Norma!

Ainda assim lá foi caminhando ultimamente, como deus foi servido, polos exforços da Sr.ª Santina, a quem pediremos, que na suavissima *preguiera* — *Casta diva* — não volte as costas para a deusa, que invoca, pois que nunca e em tempo nenhum se adoraram devindades desse modo. — Nem, por amor de deus! nos argumentem com os outros theatros para tal incoherencia.

Debutou esta noite a Sr.ª Pico, e foi muito melhor do que se esperava, fazendo exforço por agradar, o que é para agradecer; mas nem a sua voz — meio contralto deixa que a muzica produza o effeito, que seu auctor se prometeu, nem a sua figura reforçada e seus desembaraçados e livres admanes a tornam propria para aquelle fervor triste, e concentrada ternura da innocente, que implora o céo — *Deli protegemí, ó dió!* . . . Nem para aquellas confidencias apaixonadas, e cheias de timidez; nem. . . — A Sr.ª Pico faz o que pode; mas não quanto era mister.

Nos dias 11 e 15 repetiu-se o mesmo espectaculo, e no dia 13 foi o ROBERTO DO DIABO, de que falamos separadamente.

ORIGEM DA ARTE DRAMATICA.

ANTES que os homens tivessem as palavras para se exprimirem, certo que sua linguagem devia apenas consistir na emissão de sons inarticulados e sem accentuação; a musica, e o canto (simplesmente modulado) é provavel que houvessem precedido a palavra, e, para esta poder adoptar-se ao Eythmo armonico, se creou a poesia. — Modulou-se o canto; e então o gesto ou dança mimica, veio, como a descuido, acompanhal-o para augmentar-lhe a expressão. — Dessas tres partes distinctas — MUSICA, POESIA, e DANÇA, abraçadas e confundidas nasceu a ARTE DRAMATICA.